

Por uma campanha em defesa da Palestina

I. A situação atual e nossa política

A ofensiva nazista protagonizada pelo Estado de Israel e a heróica resistência travada pelo povo palestino representam hoje o principal fato da luta de classes internacional.

Como pode ser visto mesmo na manipulada imprensa burguesa, os sionistas estão arrasando as cidades e matando civis, exercendo a punição coletiva pelo terror, com a clara intenção de amedrontar a população e esmagar a Intifada. A marcação dos presos com números nos braços, a destruição de toda infra-estrutura destas cidades, inclusive hospitais, o impedimento da circulação das ambulâncias dos or-

ganismos internacionais de direitos humanos e a proibição até mesmo da grande imprensa de presenciar as conseqüências dos massacres nestas regiões desnudam o caráter nazista desta ocupação. Segundo artigos de jornais israelenses, como o Maariv, altos oficiais do exército israelense falando a soldados, compararam a sua tática militar com àquela adotada pelos nazistas con-

tra os judeus no Gueto de Varsóvia.

Apoiado como sempre pelos Estados Unidos e sob a bandeira de George W. Bush da "guerra contra o terror", Israel quer submeter pelo terror de Estado uma população inteira. A Anistia Internacional acaba de denunciar que os Estados Unidos manti-



No mundo árabe a queima da bandeira norte-americana demonstra o ódio contra o imperialismo

veram o fornecimento de armas ultramodernas para Israel sabendo perfeitamente que elas estão sendo utilizadas contra civis, o que vai contra a lei norte-americana! Mas Colin Powell "entende a necessidade de Israel lutar contra o terror".

Esta caracterização da ofensiva militar de Israel — um autêntico genocídio racista — como nazista é um argumento importante para a denúncia de Israel e de Sharon, pois trata-se de um fato da realidade. Após a denúncia de José Saramago, muitos "pacifistas" como o escritor Amos Oz ou o editor israelense de Saramago trataram de desqualificar aos que, como ele, têm a coragem de colocar o dedo na ferida. Eles, assim como a "esquerda" israelense e setores social-democratas de todo o mundo, tratam de utilizar o sofrimento do Holocausto para recusar essa comparação. Nossa corrente afirma sem subterfúgios essa caracterização.

É preciso ainda desmascarar a campanha ideológica patrocinada pelos órgãos de inteligência israelenses que prega que "manifestar-se contra o sionismo é o mesmo que anti-semitismo", ou seja, querem identificar o sionismo com todos os judeus e através disso, dizer que atacar o sionismo é sinônimo de perseguição aos judeus como povo! Sharon e seus colegas laboristas querem convencer o mundo de que quem defende o fim do Estado de Israel é nazista! Esses



Mário Lill entrega bandeira do MST a Arafat em Ramallah

carrascos que matam e depois escondem os cadáveres dos palestinos, ou como disse Shimon Peres "que temem as consequências de uma possível visão dos resultados do campo de Jenin", querem se passar por vítimas, segundo eles, da "maior onda anti-semita desde a segunda guerra mundial". Para responder a essas acusações sionistas podemos partir do que disse a repórter israelense Amira Hass "até quando vamos usar o Holocausto como desculpa para perseguir outro povo". Devemos divulgar as declarações de Noam Chomsky dos Estados Unidos ou de Norman Brisky na Argentina, e outros intelectuais de origem judaica que denunciam pesadamente e se dissociam desses assassinos racistas. Em nossa defesa da causa palestina, devemos desmascarar mais essa mentira do sionismo.

A "paz" e a existência de Israel

A outra discussão presente nas manifestações e nos comitês de solidariedade, é sobre a paz. Mesmo

entre aqueles que se indignam com os ataques assassinos de Israel, que se mobilizam para defender os direitos dos palestinos, faz-se apelo à paz em abstrato, pela convivência pacífica entre os dois povos, materializando essa paz na convivência dos dois Estados. A verdadeira paz não **será** conquistada com a manutenção do Estado de Israel, um Estado artificial criado para ser o cão de guarda do imperialismo norte-americano no Oriente Médio e que, por definição, é um Estado teocrático e racista, exclui as outras etnias e religiões. Por isso, Sharon e Peres são claros em que não aceitam de nenhuma forma o retorno dos mais de três milhões de refugiados palestinos. Sharon disse abertamente que aceitar isso "seria renunciar a um Estado judaico democrático".

Isso não quer dizer que seja de menor importância conseguir a saída israelense dos territórios ocupados: uma derrota parcial de Israel como essa, igual a que ocorreu no sul do Líbano, seria uma vitória da Intifada, animaria o movimento e as massas de toda a região para seguir na luta contra o sionismo. Sendo assim, defendemos a **desocupação de todas as cidades palestinas** tomadas pelo exército israelense, a **retirada de todas as colônias judias** dos territórios palestinos e a **volta de todos os refugiados** nos países vizinhos à sua terra natal, **bem** como que Jerusalém deixe de ser uma cidade submetida à soberania israelense.

Mas isso não significa que pensemos que uma possível criação de um Estado Palestino nos territórios ocupados em 1967 seria a solução para

o conflito. Mesmo que seja criado um Estado Palestino nessa parte que corresponde a apenas 22% do território da Palestina, este será permanentemente atacado, provocado e ameaçado **militarmente** caso subsista o Estado de Israel. Sem a volta dos refugiados e a devolução das terras confiscadas não haverá paz.

A solução do conflito passa pelo **fim do Estado de Israel e pelo estabelecimento de uma Palestina laica, democrática e não-racista**, onde possam conviver sem discriminação e **opressão** palestinos e judeus, e os crentes de qualquer religião.

Tropas da ONU

Cresce o número de setores que passam a exigir a imediata intervenção da ONU, já na esteira das outras intervenções, como Bósnia, Kosovo ou Timor. Frente ao desequilíbrio bélico a favor dos sionistas, aparentemente a primeira saída seria chamar uma tropa melhor equipada que ponha fim à matança. Essa proposta une desde a **social-democracia**, Arafat, ONGs, alguns pacifistas israelenses, até correntes como o SU. Na verdade, atrás desta proposta se esconde que a intervenção dessas tropas seria para impor a política da "comunidade internacional", ou seja, a manutenção do **status quo** com a presença de colonos israelenses em todos os territórios palestinos e dos **bantustões*** em um Estado dirigido por um fantoche.

* referência aos territórios miseráveis reservados aos negros no antigo regime do *apartheid* sul-africano.

Devemos **denunciar mais uma vez as propostas de intervenção de tropas da ONU ou de tropas internacionais no conflito**. As tropas da ONU vão ser dirigidas por quem? Qual será sua tarefa? Servirão para inspecionar e reconstruir as zonas ocupadas sem mexer nos postos militares israelenses? Para legalizar as novas fronteiras da ocupação nazi-sionista? Para formar um governo mais subserviente do que o de Arafat, ou discipliná-lo para que assuma o papel de fantoche nas condições impostas pelos Estados Unidos?

Em todas as intervenções recentes, as tropas da ONU têm servido tão somente de exército de ocupação para legalizar o status quo imperialista. Como disse um direitista norte-americano, "depois do trabalho sujo de destruição, se envia um europeu, talvez um sueco para legitimar e fazer as vezes de autoridade neutra e impor um governo de acordo aos interesses dos Estados Unidos". O papel do imperialismo europeu é também vergonhoso, foi e é cúmplice do genocídio do povo palestino. A cena dos chanceleres da União Européia saindo pelo aeroporto, desautorizados por Sharon, e sem sequer conseguir falar com Arafat foi vergonhosa. Tropas internacionais comandadas pelo imperialismo francês ou alemão, por exemplo, não seriam em nada diferentes de tropas americanas e continuariam a aceitar a condução sionista em nome da "manutenção do Estado de Israel em fronteiras seguras", como rezam todas as resoluções da ONU

tão comemoradas pelos que defendem a intervenção das tropas.

Terror e terrorismo

Surgiu uma polêmica devido aos atentados palestinos contra Israel, muitos deles suicidas e contra civis. Uma série de correntes e intelectuais



Com pouquíssimos armamentos, palestinos enfrentam o Exército de Israel

fazem questão de se colocar no "justo meio" entre os dois **terrorismos**: "nem terrorismo de Estado de Israel nem atentados palestinos. Nenhuma violência é justificada", etc.

Nós partimos de um critério de classe para a defesa da autodeterminação. É nosso dever **diferenciar claramente a violência dos opressores da violência dos oprimidos**. Uma questão é o terror de Estado genocida do colonizador Israel contra o povo palestino. Outra é a forma em que os colonizados se defendem. E

aqui cabe uma questão particular no que diz respeito aos ataques suicidas realizados pelos palestinos. Os ataques suicidas dos palestinos não podem ser colocados no mesmo patamar dos atentados terroristas individuais em geral, como o foi o atentado contra as torres do World Trade Center. No caso do World Trade Center, corretamente denunciemos o terrorismo individual como um método nefasto que só serviu para facilitar a ofensiva militar do imperialismo, na medida em que este pôde ganhar autoridade diante de todo o povo norte-americano para levar sua guerra pelo controle do petróleo no Oriente Médio, que teve seu primeiro "round" no Afeganistão.

Em relação à Palestina, antes de qualquer coisa é preciso constatar que estamos diante do massacre de um povo, de uma guerra de ocupação, que toma a forma de guerra civil. Diante de uma desvantagem militar esmagadora - mísseis, tanques e um exército armado até os dentes -, para os palestinos só restam pedras, pouquíssimas armas e explosivos.

Os ataques suicidas são utilizados, neste contexto, como uma arma de guerra respaldada por todo o povo. Por isso há um apoio tão amplo na população aos que se suicidam, que são considerados mártires. Contra mísseis, tanques e armas sofisticadas, o povo palestino, tomado pelo desespero, combate tendo como arma seus jovens suicidas que dão a vida contra a ocupação nazi-sionista. Deste ponto de vista, defendemos **o direito a todas as formas de luta que venha a adotar o povo palestino**

para se defender da ocupação, inclusive os ataques suicidas.

II. A política para a guerra civil

Devemos acrescentar à nossa política para a Intifada, a partir da caracterização de que se está em uma guerra civil em que um dos lados tem uma ampla superioridade militar, uma proposta que lembra o que movimento operário fez na Guerra civil espanhola e que alguns setores, incluindo a LIT, fizeram em escala continental para a Nicarágua. Trata-se de chamar a formação de brigadas, a convocação de voluntários para combater o carrasco sionista. Nos próprios territórios palestinos e nos países da região há uma comoção de massas contra o Estado de Israel, inclusive com o surgimento espontâneo de voluntários para lutar contra a ocupação.

Em vários países da Europa há uma onda de protestos em frente às embaixadas do Estado de Israel. Mesmo nos Estados Unidos se dão manifestações de vanguarda. O apoio político e militar à Intifada é de massas já hoje nos países árabes e muçulmanos, e devemos exigir dos governos árabes que permitam o embarque dos milicianos que querem dar esse combate. Mas essa proposta pode ser levantada em todo o mundo frente a desigualdade do combate e a justiça da causa palestina. Essa proposta pode incluir desde combatentes em si, até apoio civil tal como médicos, como já começaram a fazer algumas organizações humanitárias da Europa.

O mesmo se traduz no **envio de remédios, comida e armas para a Palestina.**

Essa é uma política que junto à de organização de voluntários para ir lutar ao lado da causapalestina

contra o sionismo, tem um alcance mundial. Exigimos, particularmente, dos governos árabes que rompam o seu silêncio cúmplice com o genocídio, rompam com Israel e com os Estados Unidos, liberem o alistamento dos voluntários dispostos a lutar ombro a ombro com os palestinos, forneçam remédios, comida e armas.

Ações do movimento de massas

Nos países onde estamos, como no Brasil, ocorreram atos em frente à Embaixada de Israel em Brasília ou nos consulados de São Paulo e Rio de Janeiro. Em São Paulo e no Rio as colunas e as bandeiras do partido tiveram boa presença nos atos. Partindo destes exemplos, mesmo onde não existem consulados ou representações do Estado de Israel devemos buscar realizar atos unificados em defesa do povo palestino.

Devemos trabalhar com as comunidades árabes locais a possibilidade



Manifestação em Bagdá contra a nova ofensiva militar de Israel

de atos, assim como a arrecadação de remédios e alimentos.

Cremos que foi importante para a luta palestina a presença de uma delegação de dirigentes de organizações camponesas, incluindo o MST brasileiro e ONGs, que estava em Israel com Arafat no momento do cerco do Exército.

No Brasil, seria importante a ida de uma delegação de sindicalistas para a Palestina.

Fazemos um chamado ao movimento operário, popular e democrático de todo mundo para assumir a bandeira da Intifada Palestina, denunciando os carrascos sionistas e seus patrocinadores norteamericanos. É necessário ocupar as embaixadas e representações de Israel e de seus patrocinadores imperialistas.

É preciso exigir a ruptura de relações de cada governo com Israel e o boicote de seus produtos, a liberdade de todos os presos políticos palestinos e da direção da ANP detida em Ramallah.